

Juros, interesses, bancos...

Atosquia, dizia Confúcio, se profunda, pode provocar a rebeldia da mais mansa das ovelhas. Além disso, se ultrapassa o couro e chega à carne, esteriliza a área e, caso a ovelha sobreviva, seu rendimento será pífió.

E fácil perceber entre nós quem personifica a ovelha e quem pratica a aprazível arte de tosquiá. Um dos instrumentos, dos mais afiados, sabemos, é a taxa de juros. Os bancos alegam que são simples intermediários que correm imensos riscos, mas é impossível esconder que raras vezes seus lucros foram tão elevados como agora. Inclusive, os maiores disputam para ver quem apresenta os balanços mais suculentos.

Quando identificados com a usura, os bancos argumentam que o governo é o maior culpado por sua descomunal dívida, pelos compulsórios que restringem a oferta de crédito, e que o juro é o preço do dinheiro no tempo. Sendo esse um recurso natural não renovável, será, por natureza, caro.

Nessa discussão poucos se preocupam com a saúde das ovelhas, sem as quais não é possível obter os recursos necessários para manter a existência de tosquiadores e tosquiados, no médio ou longo prazo. Ah! já ia me esquecendo, no curto também...

A economia é pensada como um beija-flor que se apóia na própria vibração, e *la nave va*. Ionesco dizia que basta acariciar um círculo para

que o mesmo se torne um círculo vicioso. E nisso estamos: o governo tem déficit que deságua na dívida, que transpira juros, que só podem ser pagos com mais dívida, exalando mais déficit e assim por diante...

Como a dívida do governo é dívida pública, quem deve pagá-la é o distinto público, isto é, *nosotros*. Portanto, existe outro tipo de tosquia chamada taxa de impostos exercitada pelo governo sobre seus súditos, e esta sim pode provocar rebeliões. É bom lembrar que a maioria das cidades brasileiras tem uma praça chamada Tiradentes.

O governo se defende dizendo que é preciso evitar surtos inflacionários. Refere-se ao perigo de excessiva produção de lã num país tão quente...

O problema é que entre nós o “juro” é tomado em seu sentido etimológico, isto é, como promessa de pagamento acrescido do montante devido. Diferentemente do *interest* do inglês, que é o interesse do credor no negócio do devedor. São duas posturas distintas: a primeira privilegia a repartição da riqueza depois de produzida; a segunda, o processo pelo qual esta última vê a cor do sol.

Nessa era da Internet, quando usamos tantos anglicismos, como o maldito “atachar”, com todo respeito ao ilustre deputado Aldo Rebelo, presidente da Câmara dos Deputados, não poderíamos incentivar essa mudança, mesmo que fosse apenas por algum tempo? O PIB agradecerá!



Paulo H. Sandroni
FGV-EAESP